

# CAUSOS, MITOS, LENDAS E IDENTIDADE ETNICORRACIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE VOLTA GRANDE

Carlene Vieira Dourado<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. Arivaldo Lima

*Resumo:* Este projeto de pesquisa tem como objetivo maior identificar as representações sociais e as marcas culturais da Comunidade Quilombola de Volta Grande, município de Barro Alto-Ba, através da coleta de narrativas orais e observação participante. E se propõe a investigar a identidade etnicorracial representada nas narrativas orais e memória quilombola. No que tange a fundamentação teórica, será necessária revisão bibliográfica sobre o conceito de cultura, a prática da história oral, comunidades quilombolas, raça e etnicidade. Para complementar os vieses do arcabouço teórico, será base para o estudo uma literatura voltada para a oralidade, uma vez que o *corpus* deste trabalho está focado na valorização da memória e o método para a realização deste é a história oral e sua técnica da entrevista. Espera-se, assim, identificar, mapear e analisar as marcas culturais da comunidade, bem como contribuir para a visibilidade e valorização da memória quilombola e para ampliar os estudos sobre o tema no universo da crítica cultural.

*Palavras-chave:* Comunidade quilombola. Narrativas orais. Memória. Identidade étnico-racial. Crítica cultural.

## INTRODUÇÃO

O interesse de realizar uma pesquisa sobre Comunidades Quilombolas não surgiu de forma aleatória, uma vez que a ideia de estudar um grupo social historicamente excluído parte de um processo ainda em fase de amadurecimento, iniciado a partir da graduação em Letras Vernáculas, há dez anos. Foi no universo das Letras, a partir do contato com disciplinas e teóricos, programas que tratavam da Cultura, sobretudo, a afro-brasileira que possibilitou e despertou o interesse por realizar esta pesquisa.

Além do registro da memória quilombola e da análise das representações culturais por meio das narrativas orais, o projeto justifica-se pela possibilidade de abrir espaço e registrar os lugares de fala dos remanescentes, refletindo sobre a consciência de sua situação de marginalizados expressa em seus discursos narrativos. O trabalho proposto que se insere na linha 3- Narrativas, Testemunhos e Modos de vida, se faz importante também pelo fato de não existir, até o presente momento, estudos e pesquisas que retratem a cultura e memória dessa comunidade.

Estudiosos sobre o tema, afirmam que a maior parte das pesquisas sobre a identidade quilombola vem sendo discutida, no Brasil, a partir da necessidade de lutar pela terra, pela conquista ou permanência em seus territórios ancestrais. A Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. E-mail: karlinedourado10@hotmail.com.

artigo 68 das Disposições Constitucionais Transitórias, garante aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, o reconhecimento da propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

Antes da aprovação deste preceito constitucional, a luta estava pautada na busca pelo direito à ocupação das terras quilombolas; conseguido, porém esse direito a partir da Carta de 1988, os conflitos ganham menos, uma vez que o tema até então tratado como questão fundiária, assume uma conotação mais ampla, abrangendo aspectos étnicos, históricos, antropológicos e culturais.

Embora o propósito dessa pesquisa não seja a realização de um estudo acerca da luta da comunidade por terra e reconhecimento, há de se reconhecer que a visibilidade que as comunidades quilombolas estão tendo atualmente, seja acentuada devido ao processo de luta pelo reconhecimento de seus direitos territoriais.

Até o presente momento não se constata a existência de nenhum documento escrito acerca da memória da comunidade, nem tampouco alguma pesquisa sobre o tema nessa comunidade. Volta Grande, povoado do sertão baiano, por ser identificada como uma comunidade rural negra que se compõe de pessoas excluídas enquanto grupo social. A maior parte dessas pessoas foram excluídas em virtude de um sistema de dominação abrangente que inclui, entre outros aspectos, o fato de não dominarem o código linguístico legitimado pela sociedade, a escrita.

A proposta dessa pesquisa, portanto, é de realizar um estudo que dê visibilidade a sujeitos que foram marginalizados duplamente, tanto enquanto grupo social que foram historicamente silenciados, quanto por dominarem (em sua maioria) apenas um código linguístico, justamente a oralidade, que não teve seu valor legitimado pela sociedade hegemônica. Nesse sentido, trabalhar com a coleta das narrativas orais significa oferecer também a possibilidade de retratar um contexto de práticas da cultura popular e nos faz perceber as marcas das tradições através da memória.

Assim, surge a seguinte problemática: De que forma as narrativas orais se constituem enquanto documento histórico-cultural e/ou político capaz de tornarem audíveis as vozes que foram silenciadas historicamente?

Esse questionamento se desdobra em outros: Será se essas vozes além de silenciadas não decidiram ou mesmo ainda escolhem o silêncio? Ou assim como observa Jorge Carvalho (1996) sobre o quilombo do rio das rãs será se o silêncio e a invisibilização não é uma estratégia de autoproteção das comunidades quilombolas? Os sujeitos desta pesquisa se autorreconhecem como descendentes de uma origem comum ou a autoidentificação da comunidade, expressa no pedido de reconhecimento encaminhado à Fundação Cultural Palmares em 2008 foi meramente um ato político

ou com outros interesses? De que forma a ancestralidade pode ser representada nas narrativas orais? Os sujeitos têm consciência de sua situação de marginalizado socialmente e de que a memória quilombola se constitui como um documento histórico importante na preservação da ancestralidade? Até que ponto a história oral traz elementos para o conhecimento da tradição cultural da comunidade?

O fato de trabalhar com o oral, na verdade com as duas modalidades, tanto as narrativas orais quanto a passagem destas para o código escrito, não significa privilegiar uma modalidade ou código linguístico em detrimento do outro. Valorizar as narrativas orais não significa dizer que haja negação dos paradigmas da literatura ocidental, ao contrário, compartilhando do pensamento de Paul Zumthor (1997), acredito que a relação do oral com escrito antes de ser excludente, é, na verdade complementar. Para ele há uma necessidade de se revisar os cânones literários ou pelo menos trazer para a cena epistemológica espaços não canônicos.

Dessa forma, será apresentado nesse “paper” um reflexo do projeto de pesquisa e das inquietações surgidas ao longo do curso, até o presente momento e a partir das discussões suscitadas após o estudo das disciplinas no primeiro semestre do Mestrado em Crítica Cultural, as quais trouxeram noções teóricas que tem provocado indagações as mais diversas no âmbito geral da pesquisa.

## **UM ESPAÇO PARA AS NARRATIVAS ORAIS**

A modernidade tardia e principalmente o processo de mudança contínuo conhecido como globalização provocou um grande impacto cultural entre os povos, com isso, as sociedades modernas passaram a ser vistas como sociedade de mudança constante e rápida. Ao contrário destas, as tradicionais conforme Giddens (1991) são aquelas que veneram o passado e valorizam os símbolos porque estes contêm e perpetuam a experiência de gerações.

Podemos dizer que a comunidade estudada nesta pesquisa esteja inserida nesta última categoria de sociedade, pois, além de valorizar as tradições culturais dos antepassados, possui história comum e consciência de sua identidade, embora os quilombos modernos ou as comunidades remanescentes de quilombolas sofram os impactos da globalização, absorvendo influências de diversas outras culturas. Além disso, os fatores externos e dinâmicos que permeiam as comunidades sempre vão existir.

O fato de se configurarem como sociedades, que comumente preservam traços de ancestralidade não implicam, e nunca implicou em isolamento, uma vez que desde os primórdios da

formação dos quilombos a relação com o restante da sociedade sempre ocorreu. Essa afirmação é confirmada, inclusive, por Flavio Gomes (1996) em que tratando da província do Rio de Janeiro no século XIX percebe que a interação dos quilombos com a sociedade era tão intensa que chegava até mesmo a modificar a vida dos ainda cativos.

Sofrendo influências de outras culturas ou não, a comunidade em questão, assim como muitas outras marginalizadas, tem suas manifestações e saberes culturais negligenciados ou pouco valorizados, principalmente pela cultura hegemônica. A partir desse pensamento e das demais noções teóricas suscitadas até aqui surgem inquietações várias, por exemplo, se os sujeitos desta pesquisa estão interessados em reconhecimento de sua cultura ou saberes pela sociedade hegemônica ou querem apenas assegurar seu direito de existência?

Ou ainda será se a comunidade em estudo se configura como vítima pela exclusão, pelo sombreamento ou apagamento na história ou, por outro lado é protegida da exclusão e do apagamento da história pelo distanciamento social?

Enquanto Crítica cultural exercita-se aqui a práxis do pensamento de Bachelard (1996) quando este autor afirma que o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar. Para ele, é preciso saber formular problemas, o sentido do problema caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para ele todo pensamento é resposta a uma pergunta, se não há pergunta, não há conhecimento científico e um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado.

A reconstituição de suas histórias por meio da oralidade, o rebuscamento dos traços culturais através da memória, a que esse trabalho se propõe, se configuram como uma arma na luta pela afirmação da identidade cultural.

Propor uma análise, nesse sentido é, portanto, contribuir para visibilizar uma cultura marginalizada, oferecendo a possibilidade de tornar possíveis vozes que estão inaudíveis, que foram deixadas nas margens, sem levar em conta suas contribuições patrimoniais.

Significa trazer para os espaços de discussão e para toda a sociedade grupos que foram silenciados e dessa forma, contribuir para diminuir as desigualdades e preconceitos sociais, ressignificando as nossas relações sociais e econômicas. Seria aqui a aplicação do método de Carlos Ginzburg (1990) que consiste em passar do conhecido para o desconhecido, trazendo para cena aquilo que foi negligenciado. E o que foi negligenciado neste sentido deve ser enxergado pelo espírito investigativo do qual o pesquisador precisa se dispor. E nesse momento o meu espírito investigativo encontra-se num estado de questionamentos e inquietações de níveis diversos, por

exemplo, pensar a oralidade como discurso; o que diz o discurso, o que omite, o que faz ou inscreve socialmente? Como isto é feito? Como é articulado linguisticamente?

## CONSIDERAÇÕES

Espera-se aplicar no projeto, o que foi apreendido nesse primeiro semestre, embora creio haver uma necessidade natural de ampliar os saberes internalizados até aqui. Inquietações, transgressões, posições são algumas das posturas provocadas neste programa de estudos, foi no universo da Crítica Cultural que encontrei e continuo enxergando armas discursivas para desconstruir marcas do modelo hegemônico, através de uma atuação enquanto operanda em crítica cultural, não somente com o meu projeto, mas em todas as esferas as quais eu me constitua enquanto ser pensante.

A tessitura deste paper reflete o estado ao qual se encontra minha progressão enquanto crítica cultural, uma fase de leituras que me levam a inquietações, questionamentos sobre o fazer cultural, afinal findei o primeiro semestre, embora tenha dado apenas o primeiro passo até agora.

Enfim, o programa dos Pós-Crítica, sobretudo, as disciplinas e os diálogos durante as aulas foram os responsáveis mais diretos pelo meu amadurecimento e pelas possibilidades que me foram concedidas de escolher experienciar modos de pesquisa que servirão de estratégias de visibilização do silenciado e apagado pelo modo hegemônico de pesquisar. Seguir por esse caminho, de dá voz aos que foram historicamente excluídos pelo modelo de dominação hierarquizador é partilhar do pensamento de Ginzburg, pois para ele se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Trad. Esteia dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- CARVALHO, José Jorge. Prefácio. In CARVALHO, José Jorge (Org.). *O Quilombo do Rio das Rãs. Histórias, Tradições, Lutas*. Salvador, EDUFBA, 1996.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1. reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- ZUMTHOR, Paul. Presença da Voz. In: *Introdução a Poesia Oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Hucitec, 1997.

